

RESENHA DE *POEMAS SELECIONADOS* (2021), DE EMILY BRONTË

BOOK REVIEW: *POEMAS SELECIONADOS* (2021), BY EMILY BRONTË



Roseli Bastos Almeida MATEUS
Mestranda
Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução
Fortaleza, Ceará, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2226131597328939>
<https://orcid.org/0000-0002-2948-4155>
roselybastos167@gmail.com

Resumo: Esta resenha versa sobre a coletânea *Poemas Seleccionados* (2021), publicada pela editora Caravana, com tradução de Rogério Sáber. O recorte dos textos presentes no livro focaliza e compreende os poemas de Emily Brontë em sua carga filosófica, aspecto recorrente em seus textos. Além disso, a escolha da edição da qual os poemas foram extraídos demonstra preocupação em trazer uma tradução a partir de um conteúdo atualizado. O trabalho empreendido nessa tradução parece ter optado por não se afastar muito dos poemas de partida. As traduções, apesar de não reproduzirem as rimas alternadas e a métrica por vezes regular — elementos comuns nos textos da poeta, destacam a sonoridade através do uso metafórico de aliterações e assonâncias para representar elementos citados nos poemas. No campo lexical, prioriza-se a semântica abundante no uso de metáforas e anáforas, além da preferência pelo léxico melancólico e sombrio, algo recorrente na poesia brontëana.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Tradução poética. Poesia brontëana. Literatura inglesa. Literatura produzida por mulheres.

Abstract: This review is about the collection *Poemas Seleccionados* (2021), published by Caravana, translated by Rogério Sáber. The selection of texts present in the book focuses on and understands Emily Brontë's poems in their philosophical sense, a recurring aspect in her texts. Furthermore, the choice of edition from which the poems were extracted demonstrates a concern with providing a translation based on updated content. The work undertaken in this translation seems to have chosen not to stray too far from the source poems. The translations, despite not reproducing the alternating rhymes and the sometimes regular meter — common elements in the poet's texts, highlight the sound through the metaphorical use of alliteration and assonance to represent elements mentioned in the poems. In the lexical field, priority is given to the abundant semantics in the use of metaphors and anaphoras, in addition to the preference for the melancholic and dark lexicon, something recurrent in Brontëan poetry.

Keywords: Translation Studies. Poetic Translation. Brontëan Poetry. English Literature. Women's Literature.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

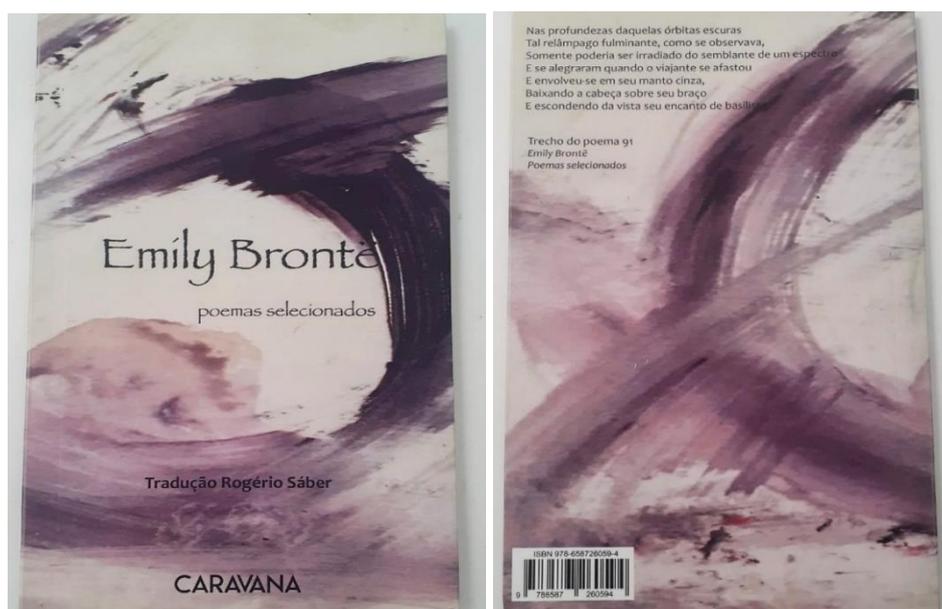
This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

O laureado romance gótico *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847) já dispõe de diversas traduções e adaptações difundidas em território brasileiro. Enquanto isso, a face poética de Emily Brontë foi menos explorada que sua prosa no país, apesar dos centenários de suas publicações no idioma original. Ainda hoje, é pouco sabido por grande parte do público que Emily Brontë também se dedicou à poesia. Em vida, chegou a publicar, sob o pseudônimo de Ellis, 21 poemas, no livro *Poems by Currer, Ellis e Acton Bell* (1846), o qual também contém textos de suas irmãs Charlotte e Anne Brontë. Os poemas publicados postumamente, atribuídos à escritora, contabilizam quase duzentos textos.

Uma boa notícia é que, em 2021, a editora Caravana lançou a coletânea intitulada *Poemas Seleccionados*, revisitando uma parcela da poesia brontëana. O volume de 83 páginas reúne 45 poemas e inclui textos que nunca tiveram traduções publicadas para o português do Brasil, entre eles, os títulos “How clear she shines” [Quão diafanamente ela brilha!] e “How beautiful the Earth is still” [Expectativa], além de textos pertencentes ao caderno dos *Gondal Poems*, como o “poema 108” e o “poema 133”, ambos sem títulos definidos na tradução.

2 A editoração eletrônica do livro foi feita pela pesquisadora e fotógrafa Pollyane Schivek, e a imagem da capa, criada pelo produtor de conteúdo Jonas Vieira. A capa e a contracapa da coletânea são compostas por pinceladas de tons em roxo e lilás sobre uma tela esbranquiçada. O desenho, apesar de abstrato, também lembra a figura de uma onda. Seguem as imagens da capa e da contracapa utilizadas na coletânea:

Figura 1 — Capa e contracapa do livro *Poemas Seleccionados*



Fonte: elaborado pela autora.

Na primeira orelha do livro há uma apresentação do tradutor, enquanto na segunda tem-se um posfácio assinado por Leonardo Costaneto, um dos organizadores da obra, junto a Olavo Romano. Na contracapa encontramos o último trecho do poema 91, cujas linhas iniciais “Nas profundezas daquelas órbitas escuras / Tal relâmpago fulminante...” esboçam traços da tradução e demonstram alguns recursos estilísticos dos poemas brontëanos.

Falemos, resumidamente, acerca do tradutor de *Poemas Seleccionados*. Rogério Lobo Sáber é mineiro, nascido no município de Cachoeira. É doutor em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além disso, Sáber é professor permanente do Programa de Pós-graduação stricto sensu em Educação, Conhecimento e Sociedade (PPGEduCS), da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), Pouso Alegre, Minas Gerais, sendo também membro da Academia Pouso-alegrense de Letras. É pesquisador de literatura inglesa e autor de diversos ensaios críticos nessa área.

Tracemos brevemente um panorama das traduções dos poemas brontëanos inseridos no sistema literário brasileiro: tínhamos antes de *Poemas Seleccionados* uma antologia dedicada à tradução de parte da poesia de Emily Brontë, intitulada *O Vento da Noite* (seleção de 33 poemas, traduzidos pelo escritor Lúcio Cardoso, publicada pela primeira vez em 1944, pela José Olympio Editora). Setenta e dois anos se passaram até a publicação dos poemas da escritora em uma reedição bilíngue, pela editora Civilização Brasileira, apresentando a tradução anterior. Conforme concorda Ésio Macedo Ribeiro (especialista e estudioso da obra do escritor Lúcio Cardoso), no prefácio do livro, não se trata apenas de uma tradução, mas de uma transcrição (Ribeiro, 2016, p. 9).

Percebemos no trabalho de Cardoso, a partir do conceito cunhado por Haroldo de Campos — transcrição, uma “tradução criativa” a partir do “original”, ou, nas palavras de Campos (2013, p. 5), uma “recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca”. Além disso, o próprio tradutor salienta, no prefácio, que optou por realizar uma tradução mais livre dos poemas (Cardoso, 2016, p. 16), exercendo certa liberdade sobre a forma e concedendo-lhe, assim, novo sentido.

Além da tradução cardosiana, podemos citar a tradução presente em uma edição publicada pela editora Landy em 2003, que apresenta, ao final do livro, seis poemas de Emily Brontë traduzidos por Renata Cordeiro, também publicados posteriormente pela tradutora nos Cadernos de Literatura em Tradução da Universidade de São Paulo, em 2007. Esse projeto tradutório parece ser o que mais transmite aspectos dos poemas de Brontë. Em sua tradução,

Renata Cordeiro adota diversas estratégias para reproduzir a métrica e as rimas alternadas presentes nos textos de origem, estabelecendo certa proximidade ao estilo da poeta.

Fora do país, temos em português de Portugal, a tradução de alguns poemas da escritora na antologia *Poemas Escolhidos das Irmãs Brontë* (2014). Títulos como “Faith and desponency” [Fé e Desalento] e “No coward soul is mine” [Não Tenho a Alma Covarde] foram traduzidos por Ana Maria Chaves — também tradutora de *Ensaaios Escolhidos*, de Virginia Woolf (2014) — pela editora Relógio D’Água. Entre algumas publicações de seus poemas em outros idiomas, Brontë também foi traduzida para o francês, no livro *Pòemes* (1983), pela editora Gallimard, por Pierre Leyris e para o espanhol, em *Poesía Completa* (2018), pela Alba Editorial, por José Gonzalez.

Antes de voltarmos a falar da coletânea objeto desta resenha, é preciso reconhecer alguns pontos: a importância da tradução primeira para a difusão da poesia da escritora e a relevância de outras abordagens tradutórias (retraduções) com vistas a resgatar sua obra, fomentando o sistema literário.

4 A retradução pode constituir uma expansão do estudo sobre a obra, além de alimentar discussões em torno dela, tornando-a mais acessível. Conforme aponta Oliveira (2014, p. 137), “uma obra é cada vez melhor compreendida (ou mais amplamente compreendida), quanto mais traduções há dela, visão que traz consigo a ideia de que tradução é crítica e, como tal, engendra um modo de ver e dizer o texto”.

Além de aderirem a propósitos tradutórios específicos, as traduções estão situadas em tempo e espaço determinados, por isso, segundo Ivo Barroso (2015, p. 5), “de quando em vez, uma nova tradução pode reavivar o interesse dos leitores por obras que já pareciam peremptas”. É nesse sentido que novas traduções tendem a atrair os olhares dos leitores e possibilitam trazer uma outra perspectiva sobre o texto de origem, sem necessariamente diminuir o valor da tradução que a precede.

Essa abordagem nos remete a um assunto que merece destaque nos Estudos da Tradução, a tradução da literatura produzida por mulheres, o que inclui escritoras antepassadas, que por muito tempo se depararam com apagamento cultural e rechaçamento de suas obras. Essa conjuntura se acentua ainda mais em relação à produção de poesia, considerada complexa demais para ser construída por autoras mulheres, tendo-se como exemplo dessa vivência a própria Emily Brontë.

É nesse sentido que a tradução ou retradução desses textos abrange uma função social: o poder de difusão de culturas e do resgate histórico de escritores e escritoras. Essa incumbência

surte efeito, de acordo com Castro e Spoturno (2022) quando a tradução não perpetua desigualdades, mas, pelo contrário, promove a possibilidade de que vozes sejam ouvidas.

Adentrando, de fato, na coletânea de *Poemas selecionados*, cabe ressaltar que a tradução publicada pela editora Caravana adotou — segundo aponta Leonardo Costaneto (2021), na orelha do livro — a edição crítica publicada pela *Penguin Classics* em 1992, edição essa organizada pela professora e crítica literária Janet Gezari. Nela as notas escritas por C. W. Hatfield na coletânea *The complete poems of Emily Brontë* (1941) são revisadas e corrigidas. A escolha da edição da qual os poemas foram extraídos demonstra cuidado em trazer uma tradução a partir de um conteúdo atualizado, não no que diz respeito a seu contexto de produção, mas levando em consideração as pesquisas e discussões empreendidas pelos estudiosos de Brontë, como Hatfield e Gezari.

Outro aspecto a ser apontado é o fato de o livro abranger poemas datados entre os anos de 1837 e 1848, além de poemas não datados, o que torna disponível em nossa língua uma variedade de poemas acessíveis e que contemplam as fases de uma Emily desde a sua temporada no reino de Gondal até seu período mais maduro e terminante.

A coletânea divide os poemas em três partes: i. poemas publicados em 1846, estando presentes 12 dos 21 poemas publicados nessa data; ii. poemas datados, composto por 31 poemas selecionados; e iii. poemas não datados, contendo dois poemas.

Sobre a tarefa de trazer essa obra ao público, são palavras do tradutor:

O propósito da publicação desta obra é tornar acessível, ao público brasileiro de hoje, significativa amostra da produção poética de uma autora inglesa clássica, aclamada pela crítica e responsável por fundar novas possibilidades à literatura em prosa e em poesia. (Sáber, 2021, n.p.)

Sobre a delimitação dos textos selecionados, “o principal critério adotado para o recorte apresentado foi a atemporalidade filosófica dos poemas de Brontë, sendo os constantes dessa seleção os que a crítica aponta como sendo, de fato, fruto do gênio da poeta, obra de sua autoria” Costaneto (2021, orelha do livro). Dessa forma, foi o propósito da organização editorial do livro trazer poemas dotados de carga filosófica, como são a maioria dos textos da poeta, os quais costumam discorrer sobre os temas da solidão, da existência e da morte, de forma questionadora.

Quanto ao projeto tradutório de Sáber — embora não haja paratextos no livro que permitam revelar suas escolhas — percebemos certa ênfase na transposição do sentido dos poemas-fonte, ou seja, do que é propriamente dito, distanciando-se deles, entretanto, em seus aspectos formais. Dessa forma, o tom poético é um dos elementos mantidos nas traduções, que capta o estilo lexical empregado pela poeta. De mesmo modo, elas até seguem a macroestrutura dos textos de partida, quanto ao número de versos e estrofes; entretanto, a métrica por vezes regular e as rimas costumeiras de Brontë ganham outros contornos na versão em português.

Seguiremos observando o que foi dito através do primeiro exemplo. O poema “The Philosopher” foi escrito em 1845, fazendo parte dos poemas publicados por Brontë junto às irmãs no ano seguinte. Em outras traduções, a exemplo das edições em português e espanhol, “o filósofo” evocado no início do poema costuma estar no masculino, porém, Sáber nos trouxe uma filósofa, o que proporciona uma aproximação à escritora.

Sendo um recurso comum na poesia brontëana, o eu lírico conversa constantemente consigo e vê, na maioria das vezes, a morte como redentora de todo o sofrimento em vida, e demonstra isso de forma eufemística. Segue o primeiro verso do poema em questão, que, em síntese, gira em torno de um desejo profundo do eu lírico em transcender conflitos internos, buscando ir além do bem e do mal.

6

1. Enough of thought, philosopher!
2. Too long has thou been dreaming
3. Unlightened, in this chambre drear,
4. While summer’s sun is beaming!
5. Space-sweeping soul, what sad refrain
6. Concludes thy musings once again?
(Brontë, 2016, p. 31)

1. Basta de pensamento, filósofa!
2. Há muito tens tu sonhado
3. Na penumbra, neste deprimente aposento
4. Enquanto o sol de verão resplandece!
5. Alma sem limites, que triste refrão
6. Põe fim aos teus pensamentos mais uma vez?
(Sáber, 2021, p. 42)

Nesse trecho vemos que a versão brontëana apresenta majoritariamente versos em trímetros iâmbicos e um esquema de rimas (AbAbCC). A versão de Sáber não pretende reproduzir as rimas do poema e apresenta uma proposta de versos livres e brancos. Uma medida compensatória, no entanto, parece se revelar na sonoridade do poema traduzido, em que notamos a ocorrência de várias aliterações. Nos primeiros versos, tem-se aliterações em /t/, nas palavras “Basta”, “muito”, “tens”, “tu”; em /m/, nas palavras “deprimente”, “Alma” e “pensamentos”; e em /p/, através das palavras “penumbra”, “deprimente e “aposento”. Nota-se

que há palavras que abrangem a repetição de mais de um som, reproduzindo simultaneamente /t/, /m/ e /p/. Da mesma forma, vemos uma constante aparição da aliteração em /s/ nos últimos versos da estrofe, através de vocábulos como “sol”, “resplandece”, “limites” e “triste”.

Outro fator observado é a escolha do conjunto de palavras empregadas na tradução desse poema, levando a uma compreensão do tom melancólico expresso pelo eu lírico, que utiliza vocabulários específicos de uma linguagem sombria, como “Unlightened” e “drear”, traduzidos como “penumbra” e “deprimente”.

O traço insólito brontëano se acentua justamente no fato de Emily Brontë — ao invés de escrever o que se esperava que uma jovem do campo escrevesse — ter transmitido uma poesia que contempla questões profundamente espirituais. É nesse sentido que a sua definição de morte possui uma singularidade em seus poemas, o que parece ser captado na tradução de *The philosopher*.

O segundo exemplo são os versos de *Sleep Brings no Joy to Me*, escritos em 1837. O texto expressa como o eu lírico se posiciona diante do sono, em que o ato de dormir mais lhe parece um estado de abdicação das coisas. O sono, dessa forma, é representado como uma negação à vida. É provável que haja uma grande carga biográfica por trás desse texto, pois sabe-se que Emily tinha uma preferência pela noite, escolhida para acompanhar os momentos de produtividade em que a escritora construía seus poemas. Emily Brontë estabelece uma relação forte com elementos da natureza em sua poesia, que aborda majoritariamente o tema da noite. A poeta noturna costumava escrever nesse período do dia, o mais quieto e afastado de suas ocupações domésticas e de trabalho. Seus ambientes ficcionais expressam quietude e são propícios a profundos devaneios e monólogos vindos de seu eu lírico. Analisemos a quarta estrofe de ambos, texto de partida e tradução:

13. Sleep brings no strength to me,

14. No power renewed to brave:

15. I only sail a wilder sea,

16. A darker wave.

(Brontë, 2016, p. 140)

13. O sono não me traz força,

14. Nenhum poder renovado de
enfrentamento,

15. Somente navego um mar mais
selvagem,

16. Uma onda mais escura.

(Sáber, 2021, p. 42)

O texto identificado na tradução como Poema 29 apresenta a mesma macroestrutura do poema de origem (seis estrofes de 4 versos), em linhas que se dedicam a trazer um sentido

“correspondente”, sem inversões sintáticas ou acréscimos aparentes. Nesse trecho em específico, a tradução de *to brave* (enfrentar) pela locução “de enfrentamento” parece ser a única mudança aplicada.

A repetição de “O sono não me traz” no início de cada estrofe preservou o efeito semelhante ao das anáforas do original. Dessa forma, em ambos os textos reforça-se a ideia de negação expressa pelo eu lírico, que abdica do sono, encarando-o como um desejo de ordem inferior.

Se estabelecermos uma relação entre a tradução proposta por Sáber em *Poemas selecionados* e as traduções de Cardoso e Cordeiro, ficam evidentes a particularidade de cada projeto e a ressignificação da poesia brontëana em múltiplos desdobramentos. Isso porque cada tradução obedece a propósitos diferentes: a primeira cardosiana, introdutora dos textos brontëanos, resgata-os acrescentando muitos traços do poeta-tradutor; a tradução posterior, presente em uma das edições da editora Landy, expressa uma “fidelidade” capaz de agradar aos leitores que buscam saborear os efeitos estilísticos do original na tradução; e, por fim, a tradução objeto desta resenha, que se enquadra em um meio termo entre as duas primeiras.

8

Partindo do pressuposto de que a tradução exige um posicionamento de quem a constrói, Arrojo (ao escrever sobre o caso da crítica lançada por Nelson Ascher às retraduições de John Donne, feitas por Paulo Vizioli) conclui que:

(...) a tradução de um poema e a avaliação dessa tradução não poderão realizar-se fora de um ponto de vista, ou de uma perspectiva, ou sem a mediação de uma “interpretação”. Portanto, a tradução de um poema, ou de qualquer outro texto, inevitavelmente, será fiel à visão que o tradutor tem desse poema e, também, aos objetivos de sua tradução (Arrojo, 1993, p. 14).

Para finalizar, é preciso esboçar algumas considerações sobre a poesia de Emily Brontë. De fato, a poeta transcende em construir uma narrativa que explora de forma profunda a psicologia do comportamento humano em suas faces mais obscuras, considerando o contexto do pacato vilarejo de Haworth, em Yorkshire, onde vivia a família Brontë. De mesmo modo o faz quando aborda temáticas existenciais em sua poesia.

Inserindo-se no cânone de mulheres escritoras que desafiaram os padrões de sua época, a poeta e romancista britânica versou sobre temáticas que iam além das julgadas apropriadas ao feminino. Sua poesia evoca desde o desejo de liberdade à autoconsciência, ao mesmo tempo

em que estabelece uma relação com elementos da natureza, principalmente no ambiente da noite, temática recorrente em seus textos. Os poemas de Brontë possuem um pouco do romantismo sombrio contido no seu único romance e resquícios do mundo fictício que ela criou junto de Anne, o reino imaginário de Gondal — cujas histórias/poemas remetem a batalhas e mortes.

A representação de Emily Brontë no cânone da literatura ocidental hoje é óbvia, no entanto, sua obra só ganhou reconhecimento póstumo após um longo processo que dificultou a inserção de mulheres nos conjuntos de obras prestigiadas pelo grande público, o mesmo processo que favoreceu o apagamento cultural de muitas literatas e poetas.

Era pensamento comum, à época em que Brontë e suas irmãs escreviam seus textos, que a mulher seria menos inteligente para produzir poesia. Segundo Daise Dias (2012, p. 249) “o que costumava ser difundido era que a mulher poderia até escrever prosa, porque demandava menos esforço e preparo intelectual, mas não poesia de boa qualidade”, sendo essa uma perspectiva que não limitou apenas ao século XIX, por tratar-se de uma herança de tempos anteriores, ecoada nos séculos posteriores.

Apesar da forte supressão da sociedade inglesa às poetisas mulheres, isso não foi o bastante para impedir o surgimento de talentosas escritoras. Entretanto, o apagamento dificultou o reconhecimento de suas obras, privando-as da ascensão que mereciam. Por isso, a tradução torna-se instrumento relevante para dar continuidade e acesso a obras como as de Emily Brontë. Traduzi-la em sua nuance poética constitui uma forma de resgatar e trazer novas abordagens a uma das facetas dessa escritora.

REFERÊNCIAS

- Arrojo, R. (1993). A que são fiéis tradutores e críticos de tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne. In R. Arrojo, *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Imago.
- Barroso, I. (2015). *Da curiosidade à tradução como ofício*. Suplemento Literário.
- Brontë, E. (2021). *Poemas selecionados* (R. Sáber, Trad.). Caravana. 83 p.
- Brontë, E. (2016). *O vento da noite* (L. Cardoso, Trad.). Civilização Brasileira.
- Brontë, E. (2003). *O Morro dos Ventos Uivantes* (R. M. P. Cordeiro & E. G. Silveira, Trans.). Landy.
- Brontë, C, Brontë, E., & Brontë, A. (2014). *Poemas escolhidos das irmãs Brontë* (A. M. Chaves, Trad.). Lisboa: Relógio d'Água

-
- Castro, O., & Spoturno, M. L. (2022). Feminismos e tradução: apontamentos conceituais e metodológicos para os estudos feministas transnacionais da tradução (M. B. F. Valdez & B. R. G. Barbosa, Trads.). *Cadernos de Tradução*, 42, 1–59, e81122.
- Cordeiro, R. M. P. (2007). Especial Mulher. Seis poemas de Emily Brontë. *Cadernos de Literatura em Tradução*, 1, 161–172.
- Dias, D. (jul./dez. 2012). Mulheres escritoras, cânone e poesia: Emily Brontë. *Gênero na Amazônia*, (2), 249.
- Gezari, J. (1992). *Emily Jane Brontë: The Complete Poems*. Penguin Classics.
- Oliveira, T. M. de. (2014). Yves Gambier, teórico da retradução: uma releitura de Antoine Berman. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, 2(1), 125–141.
- Ribeiro, E. (2016). A nova edição de O vento da noite. Prefácio. In E. Brontë, *O vento da noite* (L. Cardoso, Trad.), p. 151. Civilização Brasileira.